

Autodeterminação indígena: o sentido do movimento histórico e a riqueza das múltiplas possibilidades futuras¹

Daniel Lopes Faggiano²

Resumo

Somente no Brasil existem 253 povos indígenas que apesar de açoitados pela imposição violenta do capital, ainda orientam suas ações de acordo com sua sociabilidade indígena. Embora cada vez mais pressionados a abandonarem seu modo de vida, como diria Darcy Ribeiro, espantoso não é que tantos índios morressem pela eficácia das armas, dos vírus e dos ardis postos em cena pelos colonizadores de ontem e hoje, mas sim a incrível sobrevivência de alguns povos até os dias atuais. Ainda hoje, na aguda crise estrutural do capital, estes povos, seguem resistindo. Neste longo processo de resistência, podem os povos indígenas alavancar possibilidades históricas de superação do capital?

Palavras-chave: povos indígenas, colonização, superação do capital.

Resumen

Solo en Brasil existen 253 pueblos indígenas que, a pesar de ser hostigados por la violenta imposición de capital, aún guían sus acciones de acuerdo con su sociabilidad indígena. Aunque cada vez más presionados a abandonar su estilo de vida, como diría Darcy Ribeiro, no es sorprendente que tantos pueblos originarios murieran debido a la efectividad de las armas, virus y dispositivos puestos en escena por los colonos de ayer y de hoy, pero la increíble supervivencia de algunos pueblos hasta nuestros días. Incluso hoy, en la aguda crisis estructural del capital, estos pueblos continúan resistiéndose. En este largo proceso de resistencia, ¿pueden los pueblos indígenas impulsar posibilidades históricas de superación del capital?

Palabras clave: pueblos originarios, colonización, superación del capital.

Abstract

Only in Brazil there are 253 indigenous peoples who, despite being harassed by the violent imposition of the capital, still guide their actions according to their indigenous sociability. Although increasingly pressured to abandon their way of life, as Darcy Ribeiro would say, it is not surprising that so many indigenous died due to the effectiveness of the weapons, viruses and devices put on the scene by the colonists of yesterday and today, but rather the incredible survival of some people to the present day. Even today, in the acute structural crisis of the capital, these peoples continue to resist. In this long process of resistance, can the indigenous peoples leverage historical possibilities for overcoming the capital?

Keywords: indigenous peoples, colonization, capital overcome.

¹ Título em homenagem à vida, luta e obra da antropóloga Carmen Junqueira.

² Mestre em Antropologia pela PUC-SP, presidente e fundador do Instituto Maíra. daniel@institutomaira.org



A permanente sucessão de crises, das quais os colapsos financeiros são expressões cada vez mais agudas, a destruição do meio ambiente, o desemprego estrutural crescente e as constantes guerras, são sintomas mundiais de nossa *crise estrutural do capital*³. No Brasil não se faz diferente: sucateamento do Estado em prol do capital financeiro, precarização da legislação trabalhista e previdenciária, múltiplos ataques aos direitos sociais e coletivos, além da autoritária criminalização das manifestações populares.

Nessa *barbárie* contemporânea, não vivemos o fim dos tempos, mas tempos de aguda crise da civilização capitalista. Tempos de trevas e intensificação das contradições sociais, tempos de miséria generalizada, concreta e espiritual. O futuro que avistamos por entre escombros e ruínas é assustadoramente perverso, no entanto ainda está em aberto.

Interpretar a realidade brasileira, desvelar as múltiplas mistificações de nosso desenvolvimento, analisar as particularidades de nosso capitalismo colonial⁴ e apontar caminhos para superação desta sociabilidade, se faz, ontem e hoje, tarefa fundamental na construção de nosso pensamento e de nosso Brasil.

Pensar criticamente o Brasil em suas particularidades históricas a partir da crise estrutural do capital significa: apreender o Brasil com suas mais diversas vozes e conhecimentos em releitura ao pensamento de Karl Marx. Atentos ao nosso presente, conscientes de nosso passado e críticos de nosso devir.

³ MÉSZÁROS, István. *A crise estrutural do capital*.

⁴ SAMPAIO Jr., Plínio de Arruda. *Metástase da crise e aprofundamento da reversão neocolonial*.



Pensar o Brasil nesse retorno à Marx significa abandonar as demais simplificações e vulgarizações do pensamento marxista para adentrarmos no campo do diálogo de sua obra com a realidade brasileira.

Em 1881, Karl Marx é indagado pela revolucionária Vera Zasulitch sobre o futuro das comunidades rurais russas: - A proletarização das comunas rurais russas é uma condição necessária à revolução russa?

Buscando responder a indagação acima, Marx nos propiciou, no futuro, a oportunidade de confrontarmos as distorções do marxismo “oficial” soviético com o seu estatuto ontológico do capital. Em seus últimos anos de vida, Marx dedicara boa parte de seu tempo estudando as movimentações não capitalistas do mundo, especialmente a questão Russa.

Abandonando qualquer viés histórico unilinear, etapista, determinista e eurocêntrico, a clareza com que o filósofo elabora os rascunhos da versão final da resposta à companheira russa, se apresenta de forma imperiosa aos críticos vulgares.

[...] a análise apresentada n’*O capital* não oferece razões nem a favor nem contra a vitalidade da comuna rural, mas o estudo especial que fiz dessa questão, para o qual busquei os materiais em suas fontes originais, convenceu-me de que essa comuna é a alavanca da regeneração social da Rússia⁵.

A contemporaneidade do modo de vida das comunas rurais com o modo de produção do capital abriu a possibilidade destes de se apropriarem dos avanços tecnológicos gerados no capitalismo, sem deixarem de apontar possíveis caminhos para sua superação. O concretizar-se dessa possibilidade

⁵ MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Lutas de classes na Rússia*, p. 115.



dependeria, obviamente, do processo histórico, não existindo uma teleologia previamente inscrita na história.

Marx acredita na possibilidade da comunidade rural russa de *trocar de pele sem precisar se suicidar*. Ele evidencia no plano do pensamento essa alternativa histórica às comunidades rurais russas:

Falando em termos teóricos, a “comuna rural” russa pode, portanto, conservar-se, desenvolvendo sua base, a propriedade comum da terra, e eliminando o princípio da propriedade privada, igualmente implicado nela; ela pode tornar-se um *ponto de partida direto* do sistema econômico para o qual tende a sociedade moderna; ela pode trocar de pele sem precisar se suicidar; ela pode se apropriar dos frutos com que a produção capitalista enriqueceu a humanidade sem passar pelo regime capitalista, regime que, considerando exclusivamente do ponto de vista de sua *duração* possível, conta muito pouca na vida da sociedade. Porém, é preciso descer da teoria pura à realidade russa⁶.

Em 2017, passados 136 anos da carta de Marx à Vera Zasulitch, na atual crise estrutural do capital, na era da catástrofe, persistem no mundo sociedades não capitalistas. Somente no Brasil existem 253 povos indígenas⁷ que apesar de acossados pela imposição violenta do capital, ainda orientam suas ações de acordo com sua sociabilidade indígena. Embora cada vez mais pressionados a abandonarem seu modo de vida, como diria Darcy Ribeiro⁸, espantoso não é que tantos índios morressem pela eficácia das armas, dos vírus e dos ardis postos em cena pelos colonizadores de ontem e hoje, mas sim a incrível sobrevivência de alguns povos até os dias atuais.

⁶ *Ibidem*, p. 220.

⁷ INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. Povos Indígenas no Brasil (PIB).

⁸ RIBEIRO (1996).



Ancorados na realidade brasileira, a questão posta à Marx se apresenta fundamental nos dias de hoje, tanto no que tange em nosso retorno ao filósofo para com ele pensarmos o presente, afastando assim o marxismo vulgar e contrarrevolucionário, como sobre as possibilidades históricas da superação do capital. Porque, do mesmo modo, não poderiam, hoje, os povos indígenas, alavancar a luta pela superação do capital sem deixar de ser quem são, ou ao contrário, deveriam antes abandonar suas raízes metamorfoseando-se em trabalhadores assalariados?

Em reflexões acerca da questão posta, me recorro de um trabalho junto ao povo Guarani Mbya, na aldeia Tekohá Pyau (SP), uma das menores Terras Indígenas do Brasil com míseros 15 hectares de terra quando aprendi uma importante lição. Comprimidos pelo desenvolvimento metropolitano da grande São Paulo, viviam, na época, cerca de 400 indígenas estrangulados pela miséria. Em uma fria noite de inverno ao redor da fogueira, tomando mate e esfumaçados pelo *petyngué*, o jovem líder Tupã Mirim tentava me explicar o significado de *Tekohá*. Palavra essa que apressadamente era ocidentalizada como sinônimo de aldeia.

Para ele, no entanto, *tekohá* não se limita ao espaço das casas, ou ainda não é uma abstração puramente acadêmica, mas ao contrário, tem um significado concreto. *Tekohá*, me explica, é o local onde se faz o ser guarani, em outras palavras, *tekohá* é o lugar de objetivação, de concretização do modo de vida guarani. Por lugar podemos entender a terra, ou ainda, o território, ou seja, o que o jovem indígena tentava me ensinar é que o *tekohá* deve compreender uma variedade de entes materiais e imateriais que permitem a produção e reprodução do modo de vida guarani. Não basta nascer, mas também deve se fazer guarani.



Cada povo detém um modo de vida particular, cada povo depende de um conjunto de elementos para sua reprodução física e ideológica. Cada cultura representa assim um modo concreto de se fazer no mundo, cada cultura representa um modo particular de transformar a natureza e a si mesmo.

Cultura, tomada em seu sentido histórico, é um complexo de complexos no qual um determinado ser (social) produz um modo de vida adquirido como membro de uma comunidade determinada. Ou seja, a cultura não é um ente subjetivo, mas sim um *modo de vida* que transforma concretamente o mundo⁹.

De um modo geral, o indígena, em seu modo de vida, em sua cultura, se organiza de acordo com relações de parentesco. Possuem um modo de produção ordenado pelo parentesco, ou seja, são as relações de parentesco que moldam a sociabilidade indígena. O parentesco não é uma natural regulamentação biológica, mas, ao contrário, é uma construção social ideologicamente atrelada a determinada organização do trabalho. Muitos povos indígenas, por exemplo, regulamentam o casamento de acordo com interesses político – económicos, já o *amor* reside em outras esferas sociais mais adequadas.

Se cada cultura está ancorada em determinada organização do trabalho, o que foi então o encontro dos povos indígenas com os povos europeus? Categorizar esse encontro como um choque de culturas, nos parece por demais abstrato. Elevando-nos ao concreto podemos dizer que esse encontro foi a imposição violenta de um modo de organização do

⁹ FAGGIANO (2014), p. 18.



trabalho a outro. Nossa história colonial se inicia assim: com o abocanhar do capital em nosso território, cultura e modo de vida.

Ilustrando nosso pensamento, podemos ver o choque desses dois modos de organização do trabalho nos primeiros contatos com o povo Kamaiurá¹⁰. Este, ao entrar em contato com o facão e o machado de ferro, aloca essas mercadorias de acordo com suas mediações sociais. Assim, a consequência imediata do contato com uma tecnologia superior, o metal ao machado de pedra, é a diminuição da jornada de trabalho. Ou seja, o povo Kamaiurá ao ter acesso a uma tecnologia superior, ao invés de reproduzir as mediações produtivistas do capital de intensificar a produção, ao contrário, se apropria, à sua maneira, do metal, mantendo a mesma produção realizada anteriormente, mas em menos tempo, sobrando mais tempo para se dedicar a outras atividades.

O avanço do capital e posteriormente do capitalismo na América Latina se faz na tentativa de conformar o modo de vida tradicional para que o indígena seja adestrado a servir, sem empecilhos, aos interesses do mercado. Existir é resistir, surge como resposta imediata a essa tentativa de opressão imposta. A manutenção da organização tradicional do trabalho indígena é uma insubordinação direta à forma alienante imposta.

Na expressão de Darcy, usando negros escravos, povos indígenas e trabalhadores explorados como carvão, o capitalismo se alastra no Brasil através de sua *via colonial*¹¹, queimando nossas terras e recursos humanos na entificação de nosso capitalismo nos trópicos. Esta forma histórica, evidência a maximização da produção em um curto espaço de tempo, produz muita riqueza ao passo que intensifica nossa miséria. "A produção

¹⁰ JUNQUEIRA (1978).

¹¹ CHASIN (2000).



capitalista somente sabe desenvolver a técnica e a combinação do processo social de produção minando, ao mesmo tempo, as duas fontes originais de toda riqueza: a terra e o homem¹².

Esse processo colonizador em forte expansão ainda hoje, chegará às terras mais distantes deste Brasil. Os indígenas vivem hoje cada vez mais confinados. Antagonicamente à negação da vida humana presente no capital, os povos indígenas constroem seu devir em afirmação de sua humanidade. Aos povos indígenas, sob suas mais diferentes culturas e modo de vida, a produção e reprodução do povo é primordial, inexistente para eles qualquer forma de desenvolvimento que seja insustentável. Os povos indígenas repudiam a redução categórica da natureza apenas como "recurso ambiental", ou ainda, de forma mais clara, se recusam a interpretar a natureza como sendo uma mercadoria pronta ao consumo desenfreado.

Nas palavras do xamã David Kopenawa Yanomami:

Nós somos bem diferentes. O povo da terra é diferente. Napë, o não índio, só pensa em tirar mercadoria da terra, deixar crescer cidade... Enquanto isso o povo da terra continua sofrendo. Olha aqui em volta [*aponta para território Yanomami ao sul de Boa Vista, o qual estávamos atravessando*], tudo derrubado. Fazendeiro desmata para criar boi, vender pra outros comer e ele ganhar dinheiro. Aí pega dinheiro e continua desmatando, criando boi, abrindo mais fazendas... Napë só pensa em dinheiro, em botar mais madeira ou o que for pra vender, negociar com outros países. Nós pensamos diferente. A beleza da terra é muito importante pra nós. Do jeito que a natureza criou tem que ser preservado, tem que ser muito cuidado. A natureza traz alegria, a floresta pra nós índios é muito importante. A

¹² MARX (1946-1947), p. 555.



floresta é uma casa, e é muito mais bonita que a cidade. A cidade é como papel, é como esse carro aí na frente: branco, parece um papel jogado no chão. A floresta não, a floresta é diferente. Verde, bonita, viva. Fico pensando... por que homem branco não aprende? Pra que vão pra escola? Pra aprender a ser destruidor? Nossa consciência é outra. Terra é nossa vida, sustenta nossa barriga, nossa alegria, dá comida é coisa boa de sentir, olhar... é bom ouvir as araras cantando, ver as árvores mexendo, a chuva¹³.

Os povos indígenas assimilaram com maestria que o homem se faz homem em sua constante troca e transformação da natureza. Sabem que a natureza é fundamental no fazer-se humano. Pensam o mundo, no mundo, sabendo da importância do mundo para o seu fazer-se indígena. Por este motivo e não outro, os mitos indígenas existem como guias sustentáveis para o desenvolvimento deste sociometabolismo com a natureza. Os povos indígenas sabem muito bem da importância dos animais na manutenção e reprodução do meio ambiente. Muitos tabus alimentares, como a impossibilidade de realizar determinadas caçadas em determinadas épocas do ano, estão diretamente atrelados aos períodos reprodutivos fundamentais à manutenção das espécies.

A famosa terra preta, objeto de cobiça dos cientistas ocidentais, está distribuída por grandes áreas da floresta amazônica e é agora amplamente aceita como um produto resultante do manejo indígena do solo. A terra preta não surge ao acaso, mas ao contrário, é forjada na lapidação histórica da técnica de cultivo dos povos indígenas. Nessa constante troca do homem com a natureza, estão os povos indígenas, conscientes da natureza como pré-condição para serem sustentáveis em sua reprodução social.

¹³ David Kopenawa Yanomami. In BOCCHINI (2012).



De um lado oposto, em nossa insustentabilidade do capital, desde 2008, o Brasil é o país que mais consome agrotóxico no mundo e, só em 2010, utilizou mais de 800 milhões de litros em suas lavouras. O Mato Grosso é o estado que mais consome veneno no mundo, sozinho utilizou 113 milhões de litros/ano. Nosso modo de vida do capital afirma nossa insustentabilidade histórica, ao ponto de pesquisas apontarem a contaminação do aleitamento materno na cidade mato grossense de Lucas do Rio Verde¹⁴.

Os povos indígenas com seus mitos e distintas outras formas de apreender o real sabem muito bem que os animais são nossos companheiros de trabalho. Nós não. Em nossa particular miséria capitalista que também é cultural, em nossa catástrofe ambiental, as abelhas estão desaparecendo e isso para nós é apenas um dado. Os povos sabem do fundamental trabalho das abelhas em nossa natureza e na manutenção de nossa reprodução social e existência futura. Em termos de custo do trabalho das abelhas, estima-se que os serviços ecossistêmicos da polinização correspondem a cerca de 10% do PIB agrícola mundial, representando a incrível cifra superior a US\$ 200 bilhões/ano no mundo¹⁵.

Inúmeras são as formas de dominação do capital e eliminação dos demais modos de vida. Em nosso caso particular, quase todos os ataques aos povos indígenas foram direta ou indiretamente financiados pelo Estado brasileiro. "O executivo do Estado moderno não é mais do que um comitê para administrar os negócios coletivos de toda a classe burguesa¹⁶".

¹⁴ PALMA (2011).

¹⁵ FONSECA (2012).

¹⁶ MARX, & ENGELS. *Manifesto Comunista*. In: NETTO (2012), p. 187.



Roupas com sarampo, açúcar com arsênico, bombas com fator laranja, pulverização aérea de agrotóxicos, bala e outras táticas genocidas foram aplicadas aos povos desta terra. De acordo com a Comissão Nacional da Verdade¹⁷, em nossa ditadura empresarial militar, 450 não indígenas foram assassinados pelas forças repressoras, em contraste com pelo menos 8.350 indígenas assassinados. Não apenas indivíduos foram assassinados, mas povos inteiros – por meio do esbulho de suas terras, remoções forçadas, contágios de doenças, prisões, torturas e assassinatos.

Passados mais de quatro séculos, a Conquista ainda não se deteve. Os métodos se alteraram, mas os objetivos continuam praticamente os mesmos: inviabilizar as formas de existência comunitária, de modo a dissolver os povos na massa pobre da sociedade brasileira, incorporar suas terras no regime da produção dominante ou simplesmente expô-los a condições de extrema penúria, sem defesa contra inimigos mais imediatos, de modo a acelerar o extermínio. É fácil encontrar exemplos que ilustram essa política¹⁸.

Os povos indígenas não foram duramente combatidos por apresentarem uma forma exótica aos olhos industrializados, mas foram perseguidos justamente por manterem um modo de vida que é antissistêmico e anticapital-propriedade privada. O modo de vida indígena, em suas sociedades contra o Estado¹⁹, nada mais é, do que a organização de uma sociabilidade contra a centralização do poder. Os povos não são sociedades *sem* o Estado, mas sim, *contra* o Estado. Ainda, em sua organização social tradicional, para estes povos, os seres humanos e a

¹⁷ BRASIL (2014)

¹⁸ JUNQUEIRA (1987), p. 123.

¹⁹ CLASTRES (2003).



natureza não são opostos, mas partes de um todo, partes que compõem uma totalidade. Esta apreensão do mundo, não se adequa aos planos de desenvolvimento do capital sobre o homem e a natureza, tratados como mercadorias.

Para o povo Mebengokre, a palavra *Kukradja*, tomada em seu sentido mais estrito pode ser traduzida como cultura. No entanto, se interpretada dentro da “visão de mundo” mebengokre, a palavra *kukradja* toma um sentido muito mais amplo e significativo. Para este povo, *kukradja* também pode ser os ossos que compõem um esqueleto, ou ainda, as distintas partes que compõem uma festa. Nessa visão, as partes estão sempre conectadas ao todo, ou seja, o indivíduo está sempre ligado ao seu gênero humano, ou ainda, as particularidades do mundo se interconectam, conformam uma totalidade. Essa ideia de totalidade se assemelha muito à ideia reproduzida por Marx, tomada de Hegel de que a totalidade é a síntese de múltiplas determinações.

É esse modo de ser dos indígenas que incomoda a dominação do capital financeiro no Brasil. Entre 2003 e 2015, 742 índios foram assassinados, média de 57 por ano (só no Mato Grosso Sul foram 400 (54%) nesses 13 anos²⁰). Em proporções relativas isso é um genocídio a céu aberto. Mas onde tem violência, tem resistência. A imposição violenta do modo de vida do capital se faz dialeticamente com a resistência do modo de vida indígena.

Para o cacique Babau Tupinambá:

Nós Tupinambá nunca conseguimos lidar com o Estado brasileiro. Como você viu, a primeira lei do país foi criada para matar Tupinambá. Os portugueses disseram: “olha, Tupinambá é inimigo

²⁰ CARTOGRAFIA DE ATAQUES CONTRA INDÍGENAS (2017).



da coroa. Mate". Depois, mandaram: "todos os colonos que estiverem no país têm que, por lei, matar os Tupinambá". E nós sobreviveu. Então, os colonos em muitos anos nunca tiveram capacidade de guerrear com os Tupinambá, então eles mandaram o exército, a polícia, e continua até hoje, você vê que a gente está lutando, mas fazendeiro nenhum nunca foi na terra Tupinambá, é a polícia que eles mandam. Então, o governo sempre foi o entrave para os Tupinambá²¹.

Os povos indígenas não têm dúvidas que, desde o contato colonial, existe uma política sistemática de eliminação dos modos de vida antagônicos aos rendimentos do capital. Essa guerra permanente, *desde sempre*, se alastra e se intensifica nos tempos de crise aguda.

Nós, ocidentais, infelizmente mistificamos cada vez mais nossa realidade social e nossa falta de compreensão do real, nos afasta cada vez mais de um trabalho emancipatório. As organizações da sociedade civil que trabalham junto aos povos indígenas, em sua maioria possuem uma elevada capacidade técnica, mas que geralmente é aplicada acriticamente, ou ainda, se aplica apenas em reformas de nosso capitalismo colonial. Neste contexto de declínio e retrocessos, a palavra "autodeterminação" foi substituída por "governabilidade" e "gestão territorial", como se não houvesse enfrentamentos no mundo, apenas possíveis ajustes.

Compreender as raízes de nossos problemas é fundamental para possível superação destes. Marx em suas "Glosas críticas marginais ao artigo: o rei da Prússia e a reforma social" evidencia a seguinte questão: Por que o intelecto político é incapaz de compreender as causas dos males sociais e qual a origem dessa incapacidade?

²¹ Cacique Babau Tupinambá *apud* MIOTO (2015).



"O que se constata, no entanto, é que o intelecto inglês atribui os males sociais ora à política dos partidos adversários, ora à falta ou ao excesso de assistência social, ora à própria lei de assistência aos pobres, ora aos próprios trabalhadores pela sua falta de educação ou a indolência, ora à falta de recursos para atender às necessidades de uma população que cresce mais do que os bens produzidos. Em consequência dessas concepções, a política social inglesa oscilou, nos últimos 300 anos, entre o assistencialismo e a repressão, sob as mais diversas formas.²²"

O que Marx demonstra é que a miséria não se trata de um defeito, que pudesse ser sanado com o tempo, mas ser ela uma limitação essencial, ineliminável dentro da organização do capital. Ou ainda, em nossa realidade, a violência imposta aos povos indígenas não é uma face má do Estado, mas sim a forma de atuação do Estado dentro da expansão e dominação do capital. Dessa maneira, tanto a miséria generalizada, como a violência imposta aos povos indígenas, só serão sanadas com a superação da sociabilidade do capital.

Neste sentido, nessa busca pela superação do capital, retornar à Marx no Brasil é retomar a palavra "autodeterminação" em sua implicação prática. Poucos intelectuais fizeram não apenas trabalhos acadêmicos, mas também trabalharam o mundo, como a antropóloga Carmen Junqueira. Em seu trabalho emancipatório de enfrentamento às diversas formas de dominação capitalista, ela nos explica que:

Não se deve diminuir a importância do antropólogo também junto às aldeias, onde vive o cotidiano indígena. Seus trabalhos, reflexões e análises abrem-lhe acesso a uma visão clara da

²² A propósito de "Glosas Críticas" de Ivo Tonet em MARX (2010), p. 13.



sociedade que estuda; conhece, talvez melhor que qualquer outro, o universo cultural e semântico dos índios. Está ele, por isso mesmo, apto a fornecer aos índios elementos que possam ajudá-los a melhor compreender o mundo capitalista. Eles precisam e desejam conhecer o sistema de vida do outro, do "branco". Cabe ao antropólogo facilitar-lhes esse conhecimento, para que, com os óculos de sua cultura, possam enxergar o sistema de dominação que ameaça a comunidade, os mecanismos de sujeição, mesmo quando encobertos em relações fraternas, e – mais ainda – o sentido do movimento histórico e a riqueza das múltiplas possibilidades futuras²³.

É imperioso desvelar essa realidade fantasmagórica que nos confunde para que possamos compreender as raízes de nossos problemas. A superação desta sociabilidade em crise requer muita organização e luta, não existe outro caminho possível. Temos que enfrentar a realidade. No entanto, enfrentamento não é apenas o imediatamente sensível da ruptura abrupta com a ordem vigente, mas também o trabalho cotidiano de autogerir a vida e a vida em comunidade. Nesse sentido, os povos indígenas têm muito a nos ensinar. Por mais particular que pareça uma revolta indígena, ela contem em si uma alma universal, pois é contra o capital, é antissistêmica; e por mais universal que pareça essa revolta, ela esconde sob as formas do tradicional, um espírito livre, autodeterminado e concreto, portanto, particular.

Referências

BOCCHINI, Lino. *Entrevista David Kopenawa Yanomami*. Revista Trip, publicado em 03.07.2012. Disponível em

²³ JUNQUEIRA, Carmen. A questão indígena, in: D'INCAO, Maria Angela (Org.). *O saber militante*, p. 127.



<<http://revistatrip.uol.com.br/trip/entrevista-com-davi-kopenawa-yanomami>>. Acesso em 17.05.2017.

BRASIL, Comissão Nacional da Verdade. **Relatório / Comissão Nacional da Verdade**. Brasília: CNV, 2014.

CARTOGRAFIA DE ATAQUES CONTRA INDÍGENAS. Disponível em <<http://caci.rosaluxspba.org>>. Acesso em 17.05.2017.

CHASIN, José. A Sucessão na crise e a crise na esquerda. In: CHASIN, José (Org.). **A miséria brasileira: 1964-1994 – do golpe militar à crise social**. Santo André (SP): Estudos e Edições Ad Hominem, 2000.

CLASTRES, Pierre. **A Sociedade contra o Estado – pesquisas de antropologia política**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

FAGGIANO, Daniel Lopes. **O Tempo que nos resta**. Estudos Kamaiurá. Dissertação de Mestrado, PUC-SP, São Paulo, 2014.

FONSECA, Vera Lucia Imperatriz; CANHOS, Dora Ann Lange; ALVES, Denise de Araujo; SARAIVA, Antonio Mauro (Orgs.). **Polinizadores no Brasil: Contribuição e Perspectivas para a Biodiversidade, Uso Sustentável, Conservação e Serviços Ambientais**. São Paulo: Edusp, 2012.

JUNQUEIRA, Carmen. **Os Índios de Ipavu: um estudo sobre a vida do grupo Kamaiurá**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1978.

_____. A questão indígena, in: D'INCAO, Maria Angela (Org.). **O saber militante**. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: Unesp, 1987.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. Povos Indígenas no Brasil (PIB). Disponível em <<https://pib.socioambiental.org/pt/c/no-brasil-atual/quem-sao/povos-indigenass>>. Acesso em 17.05.2017.

_____. **MAPAS**. Disponível em <www.socioambiental.org/pt-br/mapas>. Acesso em 17.05.2017.

MARX, Karl. **El Capital**, trad.de Wenceslao Roces, México: Fondo de Cultura Económica, 1946-1947.

_____. **Glosas Críticas Marginais ao artigo "O Rei da Prússia e a Reforma Social: de um Prussiano"**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista**. In: NETTO, José Paulo (Org.). **O leitor de Marx**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.



- _____. **Lutas de classes na Rússia**. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MÉSZÁROS, István. **A crise estrutural do capital**. São Paulo: Boitempo. 2009
- MIOTO, Thiago. Artigo: **Não vamos deixar o agronegócio tomar o nosso país – Entrevista com Cacique Babau Tupinambá**. Jornalismo B, publicado em 26.08.2015. Disponível em <www.mst.org.br/2015/09/01/nao-vamos-deixar-o-agronegocio-tomar-o-nosso-pais-afirma-cacique-babau-tupinamba.html>. Acesso em 17.05.2017.
- PALMA, Danielly Cristina de Andrade. **Agrotóxicos em leite humano de mães residentes em Lucas do Rio Verde – MT**. Dissertação de Mestrado, UFMT, Cuiabá, 2011.
- RIBEIRO, Darcy. **Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- SAMPAIO Jr., Plínio de Arruda. **Metástase da crise e aprofundamento da reversão neocolonial**. São Paulo: SG-Amarante Editorial, 2017.

Recebido em 05 mar. 2020 | aceite em 01 mai. 2020

